



“A FÉ, REALIZAÇÃO DA RAZÃO”

*Nota das falas de Francesco Cassese e Davide Proserpi
no Dia de Início de Ano dos adultos de Comunhão e Libertação da Lombardia
Mediolanum Forum, Assago (Milão) e por videoconferência, 23 de setembro de 2023*

“A FÉ, REALIZAÇÃO DA RAZÃO”

Nota das falas de Francesco Cassese e Davide Prospero no Dia de Início de Ano dos adultos de Comunhão e Libertação da Lombardia

Mediolanum Forum, Assago (Milão) e por videoconferência, 23 de setembro de 2023

Davide Prospero

As palavras com que Jesus se dirige ao Pai na hora em que o Filho é glorificado, no Evangelho de São João, lembram-nos a razão profunda por que estamos aqui hoje começando o ano juntos: “Pai Santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, como nós somos um. [...] Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo. Eu me santifico por eles, a fim de que também eles sejam santificados na verdade. Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que não de crer em mim, pela palavra deles. Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um, eu neles e tu em mim. Sejam, assim, consumados na unidade, e o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste, como amaste a mim”.¹

Invoquemos a ação do Espírito Santo, o único que pode fazer com que ouçamos o tempo todo a voz de Cristo na nossa vida.

Oh! vinde, Espírito Criador

Francesco Cassese

Bem-vindos, obrigado por estarem aqui. Cumprimento a todos vocês que estão aqui presencialmente em Milão, e também a todos os que estão nos acompanhando por videoconferência nas várias cidades lombardas.

Queríamos começar este nosso dia com duas pequenas premissas.

A primeira é que o conteúdo que vamos ouvir retoma a Introdução e a Síntese do Davide na Assembleia Internacional dos Responsáveis em La Thuile, de um mês atrás. Gostaria de ressaltar que a palestra de hoje é fruto de um longo trabalho – pelo qual estamos realmente muito gratos – que fizemos durante o ano passado junto com alguns responsáveis, cujo fulcro foi “a experiência cristã”, uma dimensão – a da experiência em geral e da experiência cristã especificamente – altamente significativa na abordagem original de Dom Giussani à vida e à fé, para a qual ele dedicou muita atenção desde as origens do nosso Movimento.

A segunda coisa que queria evidenciar é que hoje e nos próximos dias ocorrerão outros Dias de Início de Ano nas regiões da Itália e nos países onde estamos presentes. Alguns responsáveis vão retomar os conteúdos que hoje o Davide nos vai propor e que envol-

¹Jo 17,11.17-23.

verão pessoas das respectivas comunidades para um momento de testemunho.

Prosperi

Queria acrescentar que esta escolha é uma forma de valorizar a responsabilidade de quem me ajuda na condução do Movimento e de favorecer um gesto concreto de comunicação entre todas as pessoas que vão participar nos diversos lugares. E também é uma forma de expressar o cuidado e a paixão que nutro pessoalmente por cada um de vocês, a quem passei a conhecer mais claramente pela tarefa que me foi confiada nesta fase da nossa história. A paternidade de que Dom Giussani sempre falou pode ser vivida e exercida numa ampla escala, como nos é pedido a cada um de nós. Lembro as palavras com que ele concluiu a assembleia dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de 1999: “Assim, eu quis vir aqui para fazer-lhes esta saudação. Que vocês cheguem a viver a experiência do pai; pai e mãe: desejo-o a todos os chefes, a todos os responsáveis das suas comunidades, mas também a cada um de vocês, pois cada um deve ser pai dos amigos que tem, deve ser mãe das pessoas que tem ao lado; não dando-se um ar de superioridade, mas com uma caridade efetiva. Ninguém, com efeito, pode ser tão afortunado e feliz como um homem e uma mulher que se sentem feitos pais e mães pelo Senhor. Pais e mães de todos aqueles a quem encontram”.²

Antes de entrar no conteúdo da palestra, vamos cantar dois cantos juntos.

Se tu sapessi (A. Anastasio)

The things that I see (R. Veras e R. Maniscalco)

“Caríssimos, valorizai o dom precioso do vosso carisma e a Fraternidade que o guarda, pois ele pode fazer com que muitas vidas ainda ‘floresçam’ [...]. O potencial do vosso carisma ainda deve ser em grande parte descoberto, ainda há uma grande parte para descobrir.”³

Este foi o convite ardente que recebemos do Santo Padre há menos de um ano. Foi também por causa dele que decidimos retomar o percurso da Escola de Comunidade desde o início, recomeçando por *O senso religioso*. E, no meio desse percurso empreendido, nos demos conta de ter julgado consolidado o conteúdo e o significado de algumas palavras fundamentais, que estão, digamos assim, entre os pilares da proposta educativa do nosso carisma. Por exemplo, o tema da infalibilidade do coração e da correspondência com as evidências e exigências originais que o constituem; mas principalmente, indo à raiz, a questão da experiência.

Por outro lado, dedicamos os Exercícios da Fraternidade ao tema da fé. Que relação há entre a experiência, tal como a entende Giussani, e a fé cristã? No trabalho dos próximos meses, queremos ajudar-nos a responder a essa pergunta. Assim dissemos: precisamos retomar séria e humildemente – ou seja, sem a pretensão de já termos entendido antes ainda de pôr a mão na massa – a comparação com o ensinamento de Dom Giussani. Isto não significa andar num terre-

² L. Giussani, *Dar a vida pela obra de outro*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2022, p. 202.

³ Francisco, “Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária”, *Passos*, n. 252, nov. 2022, p. 30. Disponível em: clonline.org.

no pantanoso, onde os passos já dados são apagados. Significa antes voltar às nascentes da experiência que já vivemos, a fim de aprofundarmos cada vez mais seu valor e seu significado, deixando-nos provocar pelas circunstâncias sempre novas e – por que não? – pelas dificuldades que encontrarmos no caminho.

O carisma que nos é entregue é uma forma de ensinamento; e é, ao mesmo tempo, uma novidade de vida que exprime e vivifica tal ensinamento: é uma renovação da experiência da fé cristã, no tempo e no espaço, uma tônica fascinante e persuasiva, adequada ao presente, por meio da qual o fato de Cristo reveste nossa vida, bate à nossa porta.

Gostaria agora de abordar um desses fatores – a experiência –, que considero importante esclarecer a fim de tornar o trabalho dos próximos meses mais frutuoso e útil.

1. A CENTRALIDADE DA EXPERIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A FÉ

O conceito de experiência

Primeiramente, é preciso ampliar o conceito de experiência em relação a como costuma ser entendido, para podermos compreender plenamente sua centralidade na proposta educativa de Giussani, em total imanência com a tradição da Igreja. Não por acaso, em *Educar é um risco*, ele atribui ao vínculo com a tradição um papel fundamental, indispensável para a educação, sem o qual ficamos inevitavelmente – são palavras dele – “sob o arbítrio das forças incontroladas do instinto [da nossa reatividade] e do poder”⁴ de turno.

Que seja reconhecido à experiência um papel fundamental, isto é claro desde o início (estamos na segunda metade dos anos cinquenta). É famosa a insistência

de Giussani tanto no cristianismo como experiência, encontro, Fato,⁵ quanto na experiência como lugar de verificação da proposta cristã.⁶ Em anos seguintes, a experiência foi claramente sublinhada como ponto de partida necessário de qualquer conhecimento autêntico (“o homem só pode partir da experiência, que é o lugar onde a realidade emerge”, “dá-se a conhecer”⁷).

Quanto ao tema da experiência, numa carta a Giussani de 1963, o então Cardeal Montini expressou algumas trepidações: “Aludo especialmente à experiência cristã como fonte da verdade cristã: pode até correr bem como método pedagógico, se for um mestre a guiá-lo e depois souber pôr em ordem, até na mente dos jovens, a escala objetiva das verdades e dos valores; mas aquele primado da experiência, teorizado como absoluto, não é admissível; os seguidores inexperientes do método podem dar-lhe uma voz doutrinária incorreta”⁸. Montini formulou sua preocupação trazendo posições que alguns atribuíam a Giussani, embora não fossem suas.

Poucos meses depois de ter recebido a carta, Giussani respondeu à preocupação de Montini com um livrinho intitulado *A experiência*, que obteve o *imprimatur* de Dom Carlo Figini, o censor da diocese ambrosiana. Tratava-se de poucas páginas, mas muito densas. Em 1964, uma parte foi republicada em *Notas de método cristão*, a parte sobre a experiência cristã, enquanto em *Educar é um risco* (1977) o texto foi republicado integralmente com o título “Estrutura da experiência”. Aí Giussani propõe sua concepção de experiência, e ao mesmo tempo realiza uma dupla crítica: diz não à redução da experiência a um provar sem juízo, e diz não à redução intimista, voltada para dentro, subjetivista da experiência, quer dizer, diz não à redução protestante e modernista.

No primeiro aspecto da crítica, Giussani observa: “o que caracteriza a experiência não é tanto o fazer, esta-

⁴ L. Giussani, *O senso religioso*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2023, p. 134.

⁵ Cf. L. Giussani, “Come educare al senso della Chiesa” (1960), in Idem, *Porta la speranza. Primi scritti*, Gênova: Marietti1820, 1997, pp. 7-8.

⁶ Veja, além dos escritos reunidos em L. Giussani, *Porta la speranza*, op. cit., por exemplo: L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2006, que contém textos de 1959, 1960 e 1964; Idem *Il Movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986). Conversazioni con Robi Ronza* (1987), Milão: Bur, 2014.

⁷ L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*, Milão: Bur, 2000, pp. 274, 287.

⁸ G.B. Montini apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2014, p. 312.

belecer relações com a realidade como fato mecânico: esse é o erro implícito na usual frase ‘fazer experiência’, onde ‘experiência’ se torna sinônimo de ‘provar’. O que caracteriza a experiência é entender uma coisa, descobrir o seu sentido. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas. E o sentido de uma coisa se descobre na sua ligação com o resto, então experiência significa descobrir para que serve uma determinada coisa para o mundo”.⁹

Dom Giussani elabora uma noção de experiência em que a experiência não tem o juízo fora de si (como dizendo: primeiro ocorre a experiência e “depois” o juízo), mas o contém, o implica, é caracterizada por ele. O juízo é parte integrante da experiência. Em *O senso religioso* ele escreve: “A experiência coincide, certamente, com ‘provar’ alguma coisa, mas coincide sobretudo com o juízo dado a respeito daquilo que se prova”.¹⁰ Em outros contextos diz também que a experiência é um “provar julgado”.¹¹ Até aqui a referência é à experiência em geral.

A experiência cristã

O segundo aspecto da crítica (o não à redução subjetivista da experiência) é elaborado na segunda parte do livrinho de 1963, onde Giussani aborda a experiência *cristã*. As passagens dedicadas ao tema são tão essenciais, expressas de maneira tão clara e sintética, que vale a pena citá-las por inteiro.

“A experiência cristã e eclesial emerge como unidade de ato vital resultante de um tríplice fator:

a) O *encontro* com um fato objetivo originalmente independente da pessoa que faz a experiência; fato cuja realidade existencial é a de uma comunidade sensivelmente documentada, assim como acontece com qualquer realidade integralmente humana; comunidade para a qual a voz humana da autoridade, nos seus juízos e indicações, constitui critério e forma. Não existe versão da experiência cristã, por mais interior que seja, que não implique, pelo menos em

última instância, esse encontro com a comunidade e essa referência à autoridade.

b) O poder de perceber adequadamente o significado desse encontro. O valor do fato com que a pessoa se depara transcende a força de penetração da consciência humana, requer também um gesto de Deus para a sua compreensão adequada. Com efeito, o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognitiva da consciência, ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca. Chama-se *graça da fé*.

c) A *consciência da correspondência* entre o significado do Fato com que a pessoa se depara e o significado da sua própria existência – entre a realidade cristã e eclesial e a própria pessoa –, entre o Encontro e o próprio destino. É a consciência de tal correspondência que verifica aquele crescimento de si, essencial para o fenômeno da experiência.”¹²

O tríplice fator indicado põe-nos diante da concepção que Giussani tem da experiência cristã, que a subtrai das reduções apontadas.

Portanto, recapitulando, sem um ou outro desses fatores, o encontro com um fato objetivo (comunidade e autoridade), a percepção do significado do fato (*graça da fé*), a consciência da correspondência entre o Fato, a realidade cristã e eclesial e a própria pessoa (então a verificação), não se pode falar de “experiência cristã”, pois estaria comprometida sua integridade e autenticidade.

2. A RELAÇÃO ENTRE A EXPERIÊNCIA E A FÉ

A dinâmica da fé

Em *É possível viver assim?*, e depois em *É possível (mesmo?!) viver assim?*, falando aos jovens que iniciaram um caminho de dedicação total a Cristo na virgindade, Giussani propõe uma descrição da dinâmica

⁹ L. Giussani, *Educar é um risco*, São Paulo: Cia Ilimitada, 2019, p. 95.

¹⁰ L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 7.

¹¹ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Milão: Bur, 1999, p. 316.

¹² L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 98.

da fé cristã, “de como surge a fé”, “nasce e se posiciona humanamente, de maneira razoável”.¹³

Para nos introduzir nela, ele formula uma longa premissa sobre a fé como método de conhecimento da razão. Com efeito, a razão tem um método para conhecer “coisas que não vê diretamente e que não pode ver diretamente”: ela “pode conhecê-las mediante o testemunho dos outros”. Chama-se “conhecimento indireto por mediação”¹⁴ ou conhecimento por fé, e não é menos certo do que o conhecimento adquirido diretamente, desde que se tenha alcançado, pelo método da certeza moral, um juízo de confiabilidade acerca da testemunha: “Se alguém chega à certeza de que uma pessoa sabe o que diz e não quer enganá-lo, então, logicamente, deve confiar, pois se não confia vai contra si mesmo”.¹⁵ Assim, posso nunca ter estado nos Estados Unidos e afirmar racionalmente, com certeza, mediante o testemunho de outros, que eles existem. Cultura, história e convivência humana se baseiam neste tipo de conhecimento.

Posto isto, voltando-se a seus interlocutores, Giussani observa: “Cristo é o objeto total da nossa fé. Como fazemos para conhecer Cristo de modo tal que possamos apoiar nele todo o sacrifício da vida?” Evidentemente, dos métodos “usados pela razão, aquele que se aplicará será a fé. Cristo, não O conhecemos diretamente, nem pela evidência nem pela análise da experiência”.¹⁶ Conhecemo-Lo, pois, pela fé.

Entremos então na dinâmica da fé cristã.

a) Para descrevê-la, Giussani volta para a origem, para como surgiu o problema na história, e portanto à página do Evangelho de João¹⁷ em que se narra o encontro de André e João com Jesus de Nazaré. Este é o primeiro fator do percurso da fé cristã. “A primeira característica da fé cristã é que nasce de um fato, um

fato que tem a forma de um encontro.”¹⁸ E isto, como qualquer outro passo do caminho que vamos indicar, vale identicamente para nós, hoje.

b) O segundo fator é a *excepcionalidade do fato*. O homem que estava na frente deles era “*uma Presença excepcional*”. Caso contrário, como é que depois de poucas horas poderiam ter assumido para si as palavras que Ele dissera a respeito de si mesmo e repeti-las a outros? “Encontramos o Messias.” Ora, para Giussani, “excepcional” significa correspondente às exigências originais do coração humano. “Encontrar um homem excepcional quer dizer encontrar um homem que corresponde àquilo que você deseja, à exigência de justiça, de verdade, de felicidade, de amor... que deveria ser uma coisa natural, mas não acontece nunca, é impossível, é inimaginável”. Neste sentido, ressalta Giussani, “excepcional equivale a divino. Divino, porque Deus é a resposta ao coração. Algo verdadeiramente excepcional é algo divino, tem dentro algo de divino”.¹⁹

c) O terceiro fator é a maravilha: “O fato do qual parte a fé em Cristo, o encontro do qual parte a fé de João e André [...] despertou neles uma grande maravilha”. Nesses dois e nos demais que formavam o primeiro grupinho que acompanhava Jesus aos lugares aonde ele ia, e depois em toda a gente que O encontrava, nascia uma maravilha irreprimível: tinham na sua frente um homem sem comparações, pelo que dizia (“Ninguém nunca falou como este homem”), pelo que fazia (os milagres, seu poder sobre a realidade, a bondade, o olhar revelador do humano...). “Mas a maravilha é sempre um pedido, pelo menos secreto.”²⁰ Que a certa altura explode.

d) Quarto: o aparecimento de uma pergunta paradoxal: “*Quem é este?*” É paradoxal porque de Jesus “sa-

¹³ L. Giussani, *É possível viver assim?*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, p. 62. Giussani retoma aqui os conteúdos de um texto seu anterior: *Na origem da pretensão cristã* (São Paulo: Cia. Ilimitada, 2012), em particular os capítulos de 3 a 7.

¹⁴ L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 26.

¹⁵ *Ibidem*, pp. 37-38.

¹⁶ *Ibidem*, p. 38.

¹⁷ Jo 1,35-51.

¹⁸ L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 41.

¹⁹ *Ibidem*, pp. 41,43.

²⁰ *Ibidem*, p. 44.

biam tudo, sabiam bem quem era, mas era de tal forma excepcional o seu jeito de fazer, de se comportar”, que principalmente “aqueles que eram seus amigos não puderam deixar de dizer: ‘Mas de onde Ele vem?’”. Giussani observa: “A fé começa exatamente com esta pergunta: ‘Quem é este?’”²¹

e) Quinto: *a resposta d’Ele*.²² Essa pergunta a que aludimos é uma pergunta inexorável, à qual porém não sabemos responder: ninguém consegue dizer sozinho quem Ele realmente é, sua identidade (sua divindade) escapa às garras da razão. Os Evangelhos trazem um episódio ocorrido nas proximidades da Cesareia de Filipe. Jesus estava lá junto com o grupinho dos Seus. Tomado por um pensamento repentino, pergunta: “Quem dizem os homens que eu sou?”²³ Depois das respostas, que conhecemos, faz-lhes a pergunta: “E vós, quem dizeis que eu sou?” E Pedro, num impulso: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.²⁴ Em várias ocasiões Giussani comenta: ele repete “provavelmente repetindo algo que ouvira o próprio Jesus dizer, mesmo sem compreender plenamente o seu significado”.²⁵ E por isso é louvado: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne e sangue que te revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus”.²⁶ De fato, é uma resposta que ultrapassa a capacidade da razão humana: “A razão não pode demonstrar a divindade de Cristo, pois a divindade, enquanto pessoalmente presente numa realidade humana, não é objeto próprio da razão. A razão pode chegar até o fato

de se encontrar diante de algo excepcional, mas não pode chegar a definir quem é Jesus Cristo, enquanto divino que se comunica ao humano”. Por isso Pedro pode apenas dizer: “Sabemos que és Deus porque tu o disseste”.²⁷ A resposta acerca de quem Ele é, é d’Ele, de Jesus. Pedro “crê” no que Jesus diz de si mesmo. Como é que ele podia acreditar n’Ele? Para Pedro e os demais, dia após dia, a partir do primeiro encontro, seguindo-O, ficando com Ele, uma coisa foi ficando evidente mais do que qualquer outra: “Que deveriam confiar n’Ele: ‘Se não puder confiar nesse homem, não posso mais acreditar nem nos meus olhos’”.²⁸

f) Sexto ponto: a nossa responsabilidade diante do fato (“a coragem de dizer sim”²⁹). “Frente à pergunta: ‘Quem é Ele?’ e frente à resposta que Pedro dá, pode-se dizer ‘sim’ ou ‘não’: aderir àquilo que Pedro diz ou ir embora como foram embora todos os outros.”³⁰ A resposta de Pedro é a resposta de fé: “A fé afirma uma coisa porque foi Ele quem a disse. Ponto final”. E é “razoável que a pessoa aceite uma coisa porque foi Ele quem a disse, uma vez que se pode reconhecer e afirmar, historicamente, uma excepcionalidade de comportamento, uma excepcionalidade de performance, impossível de encontrar em qualquer outro”.³¹ Aliás, ressalta Giussani, “a única coisa razoável é o ‘sim’. Por quê?” Porque Cristo “corresponde à natureza do nosso coração mais do que qualquer imagem nossa, corresponde à sede de felicidade que temos e que constitui a razão do viver”.³² Ao passo que “o ‘não’ nasce sempre

²¹ Ibidem, p. 46.

²² Retornando em *Si può (veramente?!) vivere così?* ao percurso da fé que ele elaborou nos cinco pontos de *È possível viver assim?*, Giussani sugere uma subdivisão diferente, em seis pontos, que eu adoto aqui. De fato, ele diz: “Para mim, seriam seis pontos: o *quarto* é a pergunta que nós fazemos, ‘Quem é este?’; o *quinto* é a resposta que Ele dá, pois não somos nós que demonstramos que Ele é Deus (nós chegamos até essa pergunta, uma pergunta inexorável, inevitável. Não há nenhum filósofo, nenhum matemático, não há nada que a possa responder. Mas, se eu não faço essa pergunta, tenho de negar completamente algo que foi uma evidência para mim: sou obrigado a ir contra a evidência); enfim, o *sexto* é a coragem de dizer sim: a parte que nos cabe, como coragem” (L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Milão: Bur, 2020, p. 140).

²³ Mc 8,27.

²⁴ Mt 16,15-16.

²⁵ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 104.

²⁶ Mt 16,17.

²⁷ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 94-95, 93.

²⁸ Ibidem, p. 118.

²⁹ Ibidem, p. 140.

³⁰ L. Giussani, *È possível viver assim?*, op. cit., p. 48.

³¹ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 94.

³² L. Giussani, *È possível viver assim?*, op. cit., p. 49.

do preconceito, do fato de que Jesus torna-se escândalo, impedimento àquilo que você gostaria”.³³

Dois mil anos depois, estamos exatamente na mesma situação. Assim como Pedro e os demais estavam relacionados com o homem Jesus de Nazaré, com Sua excepcionalidade, nós estamos ligados à realidade humana das Suas testemunhas, à Igreja, pela qual Cristo se torna acontecimento no presente. Deparando com uma determinada pessoa, com uma determinada comunidade, um determinado jeito de viver, em nós também, por causa da correspondência às exigências originais do coração que experimentamos, nasce uma maravilha que se torna pergunta: “Como é que podem ser assim?” E em virtude da confiança nas testemunhas, alimentada num caminho de convivência que implica toda a nossa razão e liberdade, amadurece a abertura para reconhecermos, para aderirmos à resposta que foi de Pedro, veiculada pela própria realidade da Igreja, da companhia cristã que encontramos.

Desta forma, como é que o reconhecimento de Pedro se torna meu? Tanto naquela época como agora, o conteúdo divino do fenômeno humano com que deparamos não pode ser conhecido pela razão, pois o objeto da fé (o divino presente no humano) está constitutivamente além do objeto normal e próprio da razão: “O reconhecimento da presença de Cristo dá-se porque Cristo ‘vence’ o indivíduo. Em outras palavras, para que a fé aconteça no homem e no mundo, deve acontecer primeiro algo que é graça, pura graça: o acontecimento de Cristo, do encontro com Cristo, em que fazemos a experiência de uma excepcionalidade que não se pode dar por si só”.³⁴

Em *Deixar marcas na história do mundo*, Giussani destaca que “a fé faz parte do acontecimento cristão porque faz parte da graça que o acontecimento representa, daquilo que o acontecimento é. [...] Tal como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, da mesma forma vivifica em mim a capacidade de abraçá-lo e de reconhecê-lo”. Reciprocamente, porém, nossa liberdade é chamada a pedir e a aceitar reconhecê-

-lo. Nós também estamos envolvidos. “A liberdade do homem resume-se no pedido: ‘Aceitando que tudo é graça, eu Te peço a graça’; assim, preservam-se totalmente tanto o fato de que tudo é graça quanto o fato de que a graça de Cristo depende, para sua eficácia, também da minha liberdade”.³⁵

Assim, nenhum de nós pode chegar à certeza sobre Cristo, sobre a divindade de Cristo, sobre Sua identidade de Filho de Deus, somente – e friso o “somente” – por força de algo que lhe acontece *agora*, por força da experiência direta que tem disso, ainda que se tratasse do milagre mais extraordinário.

Para recapitular o que foi dito, pensemos no episódio do cego de nascença (como se vê na imagem que escolhemos para este Dia de Início) narrado no Evangelho de João. A experiência que o cego de nascença fez, quando Jesus lhe aplicou a lama nos olhos, é a cura da sua visão. Mas o fato de Jesus ser o Filho de Deus, este é um juízo que nem sequer o cego de nascença pôde formular em virtude da sua *experiência direta*: “Os judeus tornaram a chamar o que fora cego e disseram-lhe: ‘Dá glória a Deus. Nós sabemos que esse homem é um pecador’. Ele respondeu: ‘Se é pecador, não sei. Só sei que [antes] eu era cego e agora estou vendo’”. Pois bem, a experiência direta o leva a dizer isso. Em seguida, respondendo às objeções dos fariseus, permite-lhe acrescentar: “Isso é de se admirar! Vós não sabeis de onde ele é? No entanto, ele abriu-me os olhos! Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas se alguém é piedoso e faz a sua vontade, a este ele ouve. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não fosse de Deus, não conseguiria fazer nada”. Também este juízo, consequência da constatação anterior, está contido na própria experiência. Mas o percurso não acaba por aqui. “Eles responderam-lhe: ‘Tu nasceste todo em pecado e queres nos ensinar?’ E o expulsaram. Jesus soube que o tinham expulsado. Quando o encontrou, perguntou-lhe: ‘Tu crês no Filho do Homem?’” Atenção, aqui está a passagem chave: até aqui,

³³ Ibidem, p. 50.

³⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, pp. 40-41.

³⁵ Ibidem, pp. 41.43.

o jovem percebe a excepcionalidade do fato que lhe aconteceu e da pessoa que está na sua frente, mas ainda não consegue dar o nome apropriado ao autor do fato, Àquele que está na sua frente (“O Filho do Homem”). “Ele respondeu: ‘Quem é, Senhor, para que eu creia nele?’ Jesus disse: ‘Tu já o viste: é quem está falando contigo’. Ele afirmou: ‘Eu *creio*, Senhor!’ E prostrou-se diante de Jesus.”³⁶ Esta é a fé, possibilitada pela iniciativa do próprio Cristo ali na frente dele, à qual o cego de nascença aderiu. Sem esta última passagem do reconhecimento, ainda não é a fé, ao menos segundo o *proprium* do nosso carisma. Giussani nos repetiu isso até o esgotamento: a fé é reconhecer uma Presença, a presença de Cristo.

“E seus discípulos acreditaram nele”

Nós também temos de fazer o mesmo caminho dos primeiros que O encontraram e que recordamos. Conforme aprendemos, para o olhar católico, a ação do Espírito se serve da mediação de testemunhas concretas, da mediação da Igreja, daqueles que Cristo tomou para si antes de mim. Eu encontro Cristo ao deparar com a carne de Suas testemunhas, fazendo, através delas, a experiência de uma correspondência às minhas exigências originais – que de outro modo seria impossível –, amadurecendo razoavelmente uma confiança nelas e, portanto, uma abertura ao anúncio que me transmitem, para depois verificar pessoalmente sua pertinência à vida. Pensemos no assombro que arrebatou o jovem seminarista Luigi Giussani enquanto ouvia o Pe. Gaetano Corti comentar o prólogo de São João, aquele assombro que mudou para sempre sua forma de ver e sentir cada instante. Ele disse uma frase que aparece também em *Luigi Giussani: A sua vida*: “O instante, desde então, não foi mais banalidade para mim”.³⁷ Foi um evento de graça “o acendimento da luz” no coração e na inteligência do jovem Giussani, mas passou pelas palavras de alguém que lhe estava falando; neste caso, o Pe. Corti.

Tal como o que veio primeiro, para João e André, não foi a fé na palavra de Jesus, mas antes o fascínio da Sua pessoa (“olhavam-No falar”³⁸, dizia Dom Giussani), e para o cego de nascença veio a maravilha pelo milagre de que fora objeto, assim para nós o que normalmente vem primeiro é o maravilhamento de um encontro, o fascínio por uma presença humana que corresponde excepcionalmente ao coração. Mas deste fascínio tem início, como vimos, um percurso que conduz à fé, senão a experiência que podemos fazer de Cristo, ao encontrarmos o rosto que Ele assume concretamente para nós, fica incompleta, pobre, imatura. Quantos foram fascinados por Jesus, mas não se abriram para reconhecer quem Ele realmente era, e o que era a vida nova, a vida verdadeira que Ele viera trazer! E, de fato, foram-se embora.

Portanto, a correspondência que os discípulos experimentaram no impacto com o homem Jesus, como nós com a companhia cristã (trata-se de fato do mesmo tipo de experiência), é decisiva, na medida em que faz nascer e renascer o espanto e a pergunta (“Quem é este?”), mas não é ainda *a experiência da fé no sentido pleno do termo*. Para conhecer *de verdade* quem era aquele homem, os apóstolos tiveram de fazer o caminho que mencionamos, que necessária e constantemente teve de passar pela decisão de depositar ou não depositar a confiança n’Ele. E o mesmo vale para nós.

Todos lembramos as palavras que constantemente são repetidas nos Evangelhos, como Giussani destaca em *Na origem da pretensão cristã*: “E seus discípulos acreditaram nele”. É uma frase que reaparece várias vezes em momentos diversos. Então nos perguntamos: mas já não tinham acreditado? Sim, mas a fé é um caminho que se desenrola com o passar do tempo, numa convivência, é um “caminho de ‘conhecimento’”³⁹ que precisa de muitas confirmações e de muito sustento, e que leva cada vez mais em profundidade, introduz numa experiência do verdadeiro, do belo, do bem cada vez mais rica. Aliás, andar atrás de Cristo

³⁶ Jo 9,24-25.30.34.38; destaques nossos.

³⁷ A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., p. 47.

³⁸ L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 322.

³⁹ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 58.

também me leva, ao mesmo tempo, a compreender cada vez melhor do que realmente meu coração tem fome e sede. E mais: seguindo Cristo, vou percebendo pouco a pouco que a relação com Sua Presença dilata meu coração e alarga minha razão, não só porque esclarece o que satisfaz minha sede, mas também porque, ao fazê-lo, purifica cada vez mais minha compreensão da sede mesma. Digamos como deve ser dito: educa-me.

Por isso Giussani ressalta a urgência de uma educação, se não estaríamos, quase sem perceber, presos numa consciência reduzida das nossas evidências e exigências estruturais, caindo num uso subjetivista do coração (de modo que o critério de juízo passa a ser aquilo que sentimos), com todas as consequências que conhecemos: “Todos os homens”, diz Giussani, “têm o mesmo coração – as exigências constitutivas do coração são iguais em todos –, mas, se alguém não foi educado...! Sabem o que é, em Física, o ‘tubo de Quincke’? Se você bate um diapasão ou bate numa placa, faz ela vibrar e a põe na frente desses sete ou oito tubos, o tubo que corresponde ao comprimento de onda do som ressoa. Assim, se essas exigências do coração são foram desenvolvidas, educadas, então a pessoa pode muito bem responder: ‘Mas eu não sinto isso!’, como muita gente não sente”.⁴⁰

3. A EXPERIÊNCIA DA FÉ

Uma profundidade nova

Com o tempo, a fé nos leva a um nível de experiência, isto é, de compreensão e de gozo das coisas, mais profundo do que o que é possível às meras capacidades humanas, ao sentimento ou ao impulso religioso natural. Este é o ponto que agora temos de analisar, no qual é necessário entrar, sob pena do esvaziamento ou da redução da própria experiência cristã. Penso nos nossos tantos amigos que nos testemunham uma forma humanamente inconcebível de enfrentar a dor e

a morte. Não estão enlouquecidos, não são fanáticos descolados da realidade. Não, a experiência que lhes é dada fazer, de uma letícia última inclusive na dor, é possibilitada pela fé, não pela força deles; o que lhes é dado ver *na sua própria carne que sofre* ou na dos entes queridos – a participação nos sofrimentos de Cristo –, *somente* a fé pode desvelá-lo. Fazem uma experiência real, mas inacessível sem a graça da fé. A fé, então, por um lado é sustentada pela correspondência experimentada no encontro – como dissemos –, mas por outro é a porta que introduz numa *experiência de correspondência nova*, que chega a incluir também o que a pessoa jamais escolheria.

Dom Giussani explica-o bem no livro *Em busca do rosto do homem*: “E é ainda São Paulo quem nos diz: ‘Avaliai todas as coisas e ficai com o que tem valor’ (1Ts 5,21). O que avalia o valor, o que julga não pode mais ser a enigmática e confusa profundidade da nossa experiência elementar, com o quadro rico mas ainda desarranjado e tão dificilmente decifrável das suas necessidades, dos seus interesses e das suas exigências originárias. Uma enigmaticidade que torna o homem sempre inquieto. O que, pelo contrário, permite julgar, o que deixa vibrar este valor é o olhar para Cristo, palavra definitiva do Deus que nos criou sobre a nossa humanidade”.⁴¹

É como quando você acaba abraçando um sacrifício, ou perdendo uma maldade que lhe foi feita, com uma estranha letícia no coração, simplesmente porque nesse dia você teve a graça de pensar em Cristo, de “olhá-Lo no rosto”⁴² mais do que o normal, para usar a expressão amada por Dom Giussani. Poderíamos dizer que a relação entre experiência e fé é *quase* circular. Digo “quase” porque, olhando bem, é uma progressão, um caminho que leva tudo a uma profundidade nova: da experiência de um fascínio, nasce a fé; e da fé nasce uma nova experiência, um novo “fascínio”, que não consigo acessar sem a fé.

Pensemos no episódio evangélico da Samaritana, nessa mulher que foi olhada como ninguém jamais a

⁴⁰ L. Giussani, “Tu” (*o dell’amicizia*), Milão: Bur, 1997, p. 51.

⁴¹ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 1996, p. 94.

⁴² L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Milão: Bur, 2018, p. 136.

olhara, que se descobriu conhecida como jamais lhe sucedera: se a certa altura, ao voltar para casa, ela não tivesse chegado ao juízo – pela própria graça de Cristo – de que aquele homem não era simplesmente um profeta enviado por Deus, mas era o próprio Deus feito homem, o próprio Deus que para poder encontrá-la andara no deserto até esgotar-se – eis aqui o juízo da fé! –, ela jamais teria conseguido perceber o Abismo da preferência de que fora objeto. Teria perdido a experiência mais correspondente de todas. Se não tivesse chegado a crer naquilo que não podia enxergar, naquilo que a experiência direta não podia dar-lhe, ela nunca poderia ter aproveitado plenamente, ou melhor, paradoxalmente nunca poderia ter feito plena experiência do dom que lhe fora concedido. O encontro com aquela Presença teria permanecido uma bela lembrança, para a qual olharia com saudades, e só.

Minha impressão, tendo rodado pelas comunidades no ano passado, é que, quando entre nós se fala de *experiência cristã*, normalmente se tentou reduzi-la ao que podemos medir, ao que resulta do impacto da realidade com o coração, à *experiência natural*, como se a fé não entrasse, não lhe determinasse a profundidade autêntica, não lhe plasmasse o horizonte. Dom Giussani introduz um terceiro fator, que descreve nestes termos: “É um Outro quem toma iniciativa em favor da nossa vida; assim, é um Outro quem salva a nossa vida, leva-a ao conhecimento do verdadeiro, leva-a à adesão à realidade, leva-a à afeição pelo verdadeiro, leva-a ao amor pela realidade. É um Outro”. Trata-se, desta forma, de “aceitar que Outro se introduza entre mim e a realidade e torne possível minha relação com ela”.⁴³ Portanto há que superar a possível redução da experiência a estes dois únicos fatores: de um lado, as exigências do coração (felicidade, beleza, amor), e de outro a realidade, entendida como o que a cada instante acontece e, ao acontecer, “impacta” o coração. Com efeito, se existissem apenas esses dois fatores, seria impossível, aliás, digamos até louco dar o juízo que Jone Carrascosa deu e nos ofereceu na *Passos* de se-

tembro-outubro, partilhando conosco a sua condição. Como vocês sabem, há mais de um ano, nossa amiga, no arco de poucas horas, foi ficando progressivamente paralisada, tendo contraído a síndrome de Guillain-Barré por causa de uma infecção. “De repente, eu me vi cheia de tubos por toda parte: ‘Quem sou eu?’ [...] A unidade de terapia intensiva é um lugar desagradável e me fez lembrar muito de todo o sofrimento que vi Dom Giussani passar durante sua doença. Com seu grande realismo, quando estava tendo um dia ruim, ele dizia as coisas como elas eram e, ao mesmo tempo, sempre ia além. Pensando nele, eu costumava me perguntar: ‘Qual é o meu lugar agora?’. Seguindo seu realismo, logo fui capaz de dizer: ‘Isso se chama cruz’. E me lembrei dele dizendo que as circunstâncias pelas quais o Senhor nos faz passar são um fator essencial da nossa vocação. A fidelidade à cruz conduzia a um conhecimento de Cristo, mas um conhecimento de Cristo que me levava a entender e vivenciar muito mais a Ressurreição. Percebi isso porque comecei a sentir paz. [...] Como é que a paz, a alegria e a felicidade poderiam estar presentes numa fraqueza extrema? Eu me sentia como uma cabeça sem corpo, como isso era possível? ‘Eles me reconhecerão pela alegria em seus rostos.’ Foi exatamente isso que aconteceu comigo. Aquele período foi uma missão em silêncio, porque eu não podia falar, mas é impressionante como alguém em tratamento intensivo pode fazer amigos apenas com os olhos. [...] Como isso aconteceu? Não me pergunte, não sei como isso aconteceu, mas sei Quem fez isso”.⁴⁴

Tocados com o seu testemunho, quisemos que no início deste novo ano ela repetisse a todos o relato da experiência que viveu, e por isso hoje ela está conosco, conectada de Madri.

Assista ao vídeo

O juízo que aqui está documentado nasce da fé, nasce do relacionamento reconhecido e vivido com Cris-

⁴³ L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Milão: Bur, 2014, pp. 193-194.

⁴⁴ J. Carrascosa, “O mundo em um quarto”, *Passos*, n. 261/262, set.-out. 2023, p. 32.

to: não basta o senso religioso. A experiência testemunhada por Jone se enraíza na certeza, que lhe é dada por graça, do fato de que o homem Jesus, que há dois mil anos foi pregado numa cruz, era o Filho de Deus, que estava transformando Seu sofrimento no maior e mais útil ato de amor da história e, em segundo lugar, na certeza do fato de que todo sofrimento, daquele dia em diante, se for oferecido, pode participar da mesma fecundidade misteriosa. Sem este juízo, que decerto ela não podia tirar apenas do que lhe estava sucedendo, senão de todo o seu caminho de fé, a partir do encontro com o Movimento, isto é, com Cristo, o seu jeito de descrever o que ela estava vivendo teria sido impossível, desprovido de sentido. Jone pôde fazer a experiência que fez – uma *experiência*: um “sentir” e um “ver” reais – em virtude da fé em Cristo, ou seja, da certeza de que o homem Jesus de Nazaré foi e é verdadeiramente quem a Igreja diz que é. A fé abre de par em par para uma profundidade da experiência de outro modo inatingível.

A fé no que essa Presença disse a respeito de si e que chega até mim através da tradição da Igreja tem o poder de transformar meu jeito de olhar para a dor, para o sacrifício, ou mesmo simplesmente para os atritos que podem surgir na relação com a mulher ou com o marido, para as manhas dos filhos, para o colega que me incomoda, etc.

Com efeito, se eu não chegar ao juízo de fé, ditado pela fé, ao qual eu não teria acesso sem ela, não posso sequer fazer a experiência que se revela a mais correspondente: dar-me conta, com assombro, do amor de Deus por mim, abissal e ao mesmo tempo tão carnal, em todas as circunstâncias. Eu perderia o melhor.

Quero dar mais um exemplo, desta vez tirado da minha experiência de alpinista. Imaginemos estar numa parede aparentemente lisa e então, num primeiro olhar, inacessível. Para um excursionista ocasional, a parede parecerá impossível de escalar, e ele voltará para casa decepcionado. Mas, para o olhar acostumado, as menores ranhuras, que parecem pouco ou nada, como imperfeições insignificantes da rocha, tornam-se pontos onde

pode apoiar o peso do corpo sem cair. E assim, onde pareceria impossível passar, ele consegue passar. A fé vi-vida obtém em nós um efeito parecido: leva-nos a ver aquilo que não se mostra ao olho “natural” e que, porém, é essencial chegar a ver – se quisermos sentir aquilo que Giussani nos ensinou a chamar de *cêntuplo*: o Mistério dentro das circunstâncias, dentro da carne dos rostos e das coisas. Como ele mesmo disse: “Porque eu vejo o que vocês veem, mas vocês não veem o que eu vejo!”⁴⁵

A fé que informa a vida

É importante compreender que tudo isto é real e impacta a experiência pessoal até em suas consequências visíveis, experimentáveis. “A fé informa a vida”,⁴⁶ disse-nos o Pe. Mauro Lepori nos Exercícios Espirituais da Fraternidade. E, informando a vida dos que pertencem ao corpo vivo de Cristo, faz com que aumente aquela “nuvem de testemunhos” de que a Carta aos Hebreus fala. Uma nuvem viva, não só do passado, mas contemporânea a nós, que podemos ver e seguir, como os que puderam encontrar o homem Jesus, o qual andava pelas ruas empoeiradas da Galileia, pregava e fazia gestos extraordinários. Nós também vemos acontecer coisas extraordinárias, que nos testemunham essa vida nova que a fé introduz. Foi o que ouvimos da Jone agora há pouco. Mas também tivemos prova disso neste verão, nos muitos testemunhos que ouvimos, ou que constantemente são enviados à *Passos*. Vocês encontrarão alguns deles no site de CL ou na revista.

Trata-se justamente de um *juízo novo*, original, de um conhecimento novo das coisas que nos permite estar diante da realidade de um modo que, de outra forma, estaria fora do nosso alcance.

Então, qual é o problema com que temos de lutar, várias vezes, pelo qual entramos em crise, pelo qual percebemos a diminuição da fé enquanto fonte de uma certeza existencial capaz de sustentar a vida em suas provações?

Disse-nos ainda o Pe. Mauro Lepori nos nossos Exercícios: “Não se perde a fé – ela deixa de informar

⁴⁵ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. 15.

⁴⁶ M.-G. Lepori, *Olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2023, p. 45.

a vida.' Isto é, deixa de dar forma à vida a partir de dentro. *In-formar*, etimologicamente, antes que significar apenas e banalmente 'dar notícias', significa 'dar forma dentro', 'formar de dentro'. [...] O fato é que a fé serve justamente para informar a vida, para dar forma à vida; entende-se para que serve a fé só quando ela informa a vida, só quando dá à vida uma forma que só a fé pode dar. Deixar a fé de lado torna-a inútil".⁴⁷

4. UMA COMPANHIA QUE NOS EDUCA

Qual é o caminho – o caminho mestre – para entrar nessa experiência tão invejável, como a que Jone nos comunicou e nos têm comunicado tantos amigos nossos, que vivem sem escarcéu uma experiência profunda de fé? Em certo sentido, já dissemos: tudo isso é possível graças aos olhos novos que a própria fé nos dá. Ao mesmo tempo, é igualmente verdade que esses olhos, embora concedidos por puro acontecimento de graça, como qualquer órgão devem ser treinados e educados. Como o alpinista enxerga os pontos de apoio e consegue ficar pendurado neles porque ganhou familiaridade com a arte de escalar, assim, analogamente, os olhos da fé precisam ser educados. É necessário um trabalho, uma ascese. Mas não nos educamos sozinhos. Precisamos de um lugar, de uma companhia.

Permitam-me ler um lindo trecho de Bento XVI: "Não posso construir minha fé pessoal num diálogo privado com Jesus, porque a fé me é doada por Deus através de uma comunidade crente que é a Igreja e, desta maneira, me insere na multidão dos crentes numa comunhão que não é só sociológica, mas radicada no amor eterno de Deus, que em Si mesmo é comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é Amor trinitário. Nossa fé só é realmente pessoal, se for também comunitária: só pode ser a minha fé, se viver e se mover no 'nós' da Igreja, se for a nossa fé, a fé comum da única Igreja. [...] Assim o nosso 'eu' no

'nós' da Igreja poderá sentir-se, ao mesmo tempo, destinatário e protagonista de um evento que o supera".⁴⁸

Estamos num caminho. O caminho para entrar no olhar de que falamos é o *pertencer*. A verdadeira ascese é esse dar crédito, deixar-nos cingir por uma realidade comunitária que nos leva aonde sozinhos não conseguiríamos chegar.

A companhia é o caminho que nos educa para esse olhar novo. Percorrer o caminho em que fomos introduzidos com o encontro consiste em nos deixarmos educar. Neste caminho também está envolvida – evidentemente – a liberdade; é necessária uma energia de liberdade: uma humildade ou, se quiserem, aquilo a que o Evangelho chama "pobreza de espírito".

A sociedade contemporânea lhe diz: se quiser ser livre, deve julgar tudo sozinho, não deve deixar que ninguém invada seu espaço privado. Infelizmente, às vezes nós também somos tentados a pensar isso. Mas nós dizemos o contrário: nós dizemos que a comunhão é o que liberta o eu (por isso nos chamamos "Comunhão e Libertação"). Com efeito, qual é o modo como o Mistério atua? "A maneira como o Pai atua se chama Cristo, e por isso Igreja, e por isso comunhão entre nós. Que peso eterno, que valor infinito, que densidade têm essas palavras, que nós usamos como se fossem aqueles papéis velhos com os quais nossas crianças gostam de brincar".⁴⁹

Enfim, não é por mim mesmo que me movo do meu ponto de vista para entrar no olhar novo que nasce da fé. Ouçamos o que Giussani diz a respeito: "Um encontro: você encontrou esta companhia: esta é a maneira com que o mistério de Jesus, Jesus, a presença de Jesus na história, bateu à sua porta. Agora – agora! – está batendo da mesma forma, porque é 'ontem, hoje e sempre' (Hb 13,8). Você se torna você mesmo quando segue esta companhia, ou seja, quando procura conceber a vida como esta companhia a concebe, quando procura sentir as relações como esta companhia te indica, como esta companhia te sugere, segundo o

⁴⁷ Ibidem, p. 47.

⁴⁸ Bento XVI, *Audiência geral*, 31 de outubro de 2012.

⁴⁹ L. Giussani, "Fé é reconhecer uma presença", Notas de uma palestra de Luigi Giussani a um grupo de adultos. Milão, 1977, *Litterae Communionis-Passos*, n. 15, ja.-fev. 2001, pp. 19-30.

exemplo que esta companhia te dá (por isso é importante quem é mais velho ou quem tem autoridade). Você se torna você mesmo quando obedece, quando se identifica com as características desta companhia, quando não objeta: ‘Mas eu sou eu! Por que tenho de seguir estes aqui?’, ou então: ‘Eu sigo as normas morais, mas não sigo as indicações que esses aqui me dão. Por exemplo, eles dizem que a oração mais bonita, mais humana, mais eficaz e mais persuasiva é a liturgia. Mas eu não, eu sigo outros que exaltam a oração privada’. São duas maneiras de dar a Deus sua adoração, mas se você encontrou esta companhia, deve tentar seguir esta companhia, identificar-se conosco, com a experiência que nós vivemos: isso exalta a sua fisionomia, o seu caráter, a sua personalidade. Então o problema não é observar determinadas regras, mas identificar-se com um espírito, identificar-se com uma mentalidade, identificar-se com uma sensibilidade; isto é, identificar-se com um carisma – diz-se como termo global –, com um modo pelo qual o mistério de Deus feito homem chegou até você persuasivamente e te disse: ‘Vem!’⁵⁰

Se isso é verdade, alguém pode dizer: “Sim, ok, mas se eu não sinto uma correspondência, ainda é razoável seguir?”, entendendo a correspondência em relação *àquilo* que é proposto e ao *modo como* me é proposto. Ou então: “Acho que não entendi”, outra objeção. Eu respondo assim: é razoável seguir mesmo quando não se entende tudo. É uma consequência do que acabamos de ouvir de Dom Giussani. Isso não significa dizer que ao seguir eu nego minha razão, nego meu coração, senão seria alienação. A disponibilidade não é fideísmo: sempre me é dada a possibilidade de verificar – verificar! – a proposta que me é feita. Mas para verificá-la eu preciso dar crédito primeiro a quem a faz a mim, assumindo-a como hipótese positiva. Por que é que sigo mesmo quando algo parece não corresponder, podendo até me deixar em crise? Por causa de uma fidelidade ao encontro que fiz, ou seja, à maneira como o mistério de Jesus bateu à minha porta, à sua porta. E por que é que, para ser fiel ao encontro que

fiz, tenho de seguir justamente estas pessoas em vez de outras? Porque a fidelidade não é, em última instância, a elas, mas Àquele que, na objetividade desta companhia guiada ao destino, está presente, permanece presente, além de todos os erros que cada um de nós pode cometer, demonstrando-se como a única resposta à vida: “[Se formos para longe de ti,] a quem iremos, Senhor? [Só] tu tens palavras de vida eterna”.⁵¹

5. DA FÉ A MISSÃO

O ápice desse olhar novo que nasce da fé consiste em olhar o outro com o sentimento de que possa ser investido pelo mesmo Acontecimento que preenche minha vida. Chama-se missão. No dia 15 de outubro, o Papa insistiu muito nessa palavra, dedicando-lhe toda a parte final de seu discurso.

Sua Excelência Dom Martinelli nos disse na Assembleia Internacional dos Responsáveis em agosto: “Estou aprendendo que ser enviado significa, principalmente, que sempre somos enviados por Alguém. Isto quer dizer que ser enviado só é possível se estivermos em nexos profundos com quem nos envia. Tão logo isto é esquecido, perde-se o sentido da missão. Já não temos o sentido de nós mesmos”.

A missão começa onde você é chamado a estar, e o desenvolvimento dela é o que Deus quiser. Senão não é missão. Missão quer dizer que há Alguém que te manda; quer dizer que você, através do encontro, foi escolhido para dar a conhecer a todos Aquele que, sem o seu mérito, escolheu e preferiu você. Escolheu você para esta finalidade. E então, se te escolheu para esta finalidade, se te chamou – vocação – e se ser chamado coincide com ser enviado, isso significa que você, no lugar onde está, tem a consciência de que não está aí só para você mesmo, só para um projeto seu, só para uma vantagem sua, só para obter o máximo que pode obter, mas você está aí para responder a Alguém que te quer aí, você está aí porque Alguém te mandou e quer dar-se a conhecer através de você,

⁵⁰ L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Milão: Bur, 2002, pp. 7-8.

⁵¹ Jo 6,68.

através do que Ele muda em você quando você O reconhece e O acolhe.

Para nós, ter essa consciência é o início da missão. Pensemos, por exemplo, em quem está a trabalhar nos locais mais impensáveis do mundo, pensemos em como essa consciência pode mudar seu jeito de estar ali: estão ali a trabalhar, sim, mas não estão ali só para o trabalho, e sim para que outros, por meio da vida deles, possam encontrar e conhecer a Cristo, e isto também incide na forma deles encararem o trabalho e as circunstâncias que lhes concernem.

6. A LIBERDADE SE DÁ NO PEDIDO

Tudo isto é possibilitado, do início ao fim, pelo acontecimento da iniciativa de Outro. A graça tem o primado não só no início, e tampouco só no fim, mas sim em cada passo do caminho. Portanto, é uma graça que me faz entrar na experiência nova de que falamos. Porém – como mencionamos – nossa liberdade está em jogo, como pedido.

Um trecho de *É possível (mesmo?!) viver assim?* afirma isso em outros termos, resumindo o percurso que realizamos aqui.

Uma pessoa, que começou o caminho do noviciado nos Memores Domini, diz a Dom Giussani: “Aprendemos a amar a Cristo na relação com a realidade. No entanto, eu corro o risco de um panteísmo, ao mesmo tempo em que entendo que devo dar a vida a uma pessoa, a Cristo”. Ele, replicando, inverte a perspectiva assim: “Essa é uma hipótese puramente abstrata, são palavras que se falam por falar. Você aprende a amar a Cristo porque Ele se revela a você. Lamento, mas vocês, que estão aqui, foram objeto da iniciativa de Outro: não foram vocês que escolheram a circunstância que os conduziu até aqui! Por isso, é sempre uma ingratidão profunda não se lembrar disso ou, pior ainda, renunciar a isso. Aprendemos a amar a Cristo reconhecendo Sua presença. É uma graça: tanto a presença quanto o fato de reconhecê-la. O desdobramento dessa graça se

chama pedido. Padre Kolbe, quando estava dentro do bunker em que morreu, naquelas horas terríveis, rezando, uniu-se a Cristo e O reconheceu muito mais profundamente do que quando estudava teologia no seminário! Não é conhecendo a realidade que se conhece a Cristo, pois não se tem o nexo. É conhecendo a Cristo que se conhece a realidade. E a pessoa conhece mais a Cristo quando O pede.”⁵²

Evidentemente, Giussani aqui não opõe Cristo à realidade, nem está desvalorizando a relação com a realidade como estrada até Ele, mas pretende sublinhar que nós só podemos “amar” a Cristo se for Ele quem toma a iniciativa de fazer-Se presente. O conhecimento d’Ele e de Sua divindade, de fato, não é o resultado de uma investigação racional, mas é dom. Nós somos objetos de um dom.

Concluo com as palavras que Dom Giussani usou numa conversa com um grupo de adultos de Milão em 1977, que sinto dirigidas a nós hoje da mesma forma: “Estou cheio de letícia por falar a vocês, uma letícia que tem de atravessar com dificuldade todo o peso dos meus limites, da consciência do meu pecado, não para fazer a vocês um discurso, mas para dizer e redizer estas palavras que são a *vida*. Não a vida num sentido abstrato e genérico, como definição, mas *você*: estas palavras são você, a sua pessoa, são esse destino para o qual está fluindo toda a energia à qual Deus deu origem dentro do ventre de sua mãe, e que carrega o seu nome. Mas o significado dessa energia não é o seu nome, pois o seu verdadeiro nome é um outro: é a fé que lhe foi dada”⁵³

⁵² L. Giussani, *Si può (veramente ?!) vivere così?*, op. cit., p. 572.

⁵³ L. Giussani, “Fé é reconhecer uma presença”, op. cit.

Tradução de Cláudio Cruz

© 2023 Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Foto na capa: *O milagre do cego de nascença*, afresco, séc. XI. Basílica beneditina de Sant'Angelo em Formis (Caserta). © Pe. Francesco Duonnolo